teínas de origem animal, pois a utilização de carnes alternativas na dieta alimentar da população é ainda proporcionalmente mais reduzida. Nessa ótica, não seria relevante subtrair à oferta interna parte da produção e destiná-la ao mercado externo, aproveitando-se de uma conjuntura internacional um pouco mais atrativa.

A análise do perfil da produção de carnes no Brasil indica a necessidade de alterações no sentido de incrementar a oferta de pequenos e médios animais. Estes, além de serem produzidos a custos mais baixos, permitem maior flexibilidade no ritmo de crescimento, devido ao menor tempo necessário à produção. A avicultura, por exemplo, vem crescendo a taxas significativas desde o início da presente década. Com efeito, a relação quantitativa de produção carne bovina/carne de aves que, em 1973, foi da ordem de 5,0 deverá cair a 2,3 em 1979. Neste ano, espera-se um crescimento de 16% na produção de carne de aves, representando um acréscimo de mais de 100 mil t, em relação a 1978. A nível de produtor, a relação de preços boi gordo/frango, entre 1973 e 1978, cresceu de 1,39 a 1,82, o que mostra o maior crescimento relativo dos preços no mercado de bovinos.

Com a persistência do ritmo de crescimento que a avicultura vem auferindo, com a atividade suinícola também em expansão, e com a recuperação do rebanho bovino a partir de 1981 (e a concomitante elevação da oferta interna de carne) aliada à prognosticada recuperação da produção mundial, esboça-se, desde já, uma possível crise de saturação na oferta interna de carnes em geral, a menos que o crescimento da renda da população seja suficiente para contrabalançar o incremento da produção.

SUCOS

Otimismo no mercado

A previsão inicial da produção brasileira de cítricos este ano parece confirmar o otimismo existente entre os exportadores nacionais de suco concentrado e demais subprodutos. O Brasil, como primeiro exportador mundial de suco de laranja, é hoje responsável por 80% das exportações deste produto. Situação que deverá ser mantida em 1979 (ou até ampliada) em função dos contratempos climáticos que prejudicaram as safras norte-americanas nos últimos anos.

Desde a geada que ocorreu na Flórida, no final de 1977, a produção norte-americana não conseguiu voltar aos níveis anteriores. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a safra deste ano deverá apresentar uma queda de 7% em relação à estimativa inicial. Além disto, neste final de ano, cresce a expectativa de novas geadas na região Sul dos Estados Unidos, o que possibilitaria maior colocação do suco cítrico brasileiro no mercado internacional.

Vale ressaltar que os Estados Unidos, que concorre com o Brasil em alguns mercados, pois alia a condição de maior produtor à de maior consumidor de sucos cítricos, consomem 22% das exportações brasileiras. Neste quadro, para o Brasil, a conquista de novos mercados que não os tradicionais (EUA, Canadá e CEE), é fundamental, pois permitiria o rompimento desta dependência em relação ao comportamento da safra norte-americana. Novos clientes (como Japão e Europa Oriental), entretanto, ainda não são uma realidade. Assim, qualquer previsão para as exportações brasileiras passam pelo comportamento da safra norte-americana.

Este ano, a produção de laranjas dos Estados Unidos, anteriormente estimada em 8,3 milhões de toneladas, já foi reavaliada para 9,1 milhões de t. Ou seja: 7% a menos que a safra anterior. Segundo estimativa inicial do Departamento de Agricultura dos EUA, o inverno,

nos meses de janeiro e fevereiro, causou perdas na Califórnia, Texas e Arizona de 21%, 10% e 9% respectivamente. Estas, entretanto, já foram reavaliadas para perdas de 17% no Arizona e ganhos de 10% no Texas e 2,7% na Califórnia, perfazendo um total de 9% de perdas para a variedade valência, tipo que o Brasil produz e que é preferido pelo consumidor europeu.

Vantagens

Um outro ponto — e de suma importância — que traz grandes vantagens ao produto brasileiro, é o fato de seus custos de produção serem inferiores aos custos americanos em aproximadamente 35%. Além disto, para este ano, a estimativa inicial da safra brasileira de laranjas é bastante animadora. Segundo a FIBGE, a produção deverá alcançar 7,5 milhões de t, apresentando um aumento de 16% em relação à anterior, que atingiu 6,3 milhões de t.

Quanto à receita cambial, as estimativas são de melhoria. A previsão é de que sejam exportadas 340.000 t de suco concentrado, no valor aproximado de US$ 350 milhões, o que significa um aumento em relação ao ano passado, de 1,5% em termos de quantidade exportada e de 5% considerando o valor exportado. Isto porque as cotações do produto têm apresentado certa estabilidade, sendo que o valor médio da tonelada exportada está em torno dos US$ 970, pouco abaixo, em termos reais, da cotação do ano passado. As expectativas, entretanto, são de melhoria, pois os estoques dos países do hemisfério norte estão baixos, o que deverá sustentar os preços nos próximos meses.

Quanto à capacidade nominal brasileira de moagem do produto, estimada em 130 milhões de caixas, deverá passar para 160 milhões já em 1980, equivalentes a 6,5 milhões de t, o que deverá significar 80% da produção de laranjas projetada para o próximo ano.

Distorções

Entretanto, tratando-se do aumento da capacidade nominal da moagem de laranja, um aumento previsto da ordem de 30%, entre este ano e o próximo, não deverá ser acompanhado por um crescimento compatível da produção de laranjas, já que o crescimento da produção agrícola alcança em média 10% ao ano. Mas este não seria o principal ponto de estrangulamento do setor, pois a tendência da produção agrícola é de continuar crescendo, o que permitiria a retomada do equilíbrio por volta de 1982.

A manutenção do atual ritmo de crescimento é que talvez se constitua no maior problema do setor a médio prazo. Senão vejamos. Considerando a possibilidade da indústria absorver o aumento da produção agrícola, teria de existir uma saída para o crescimento da produção do suco cítrico. No entanto, o consumo de suco concentrado, no mercado interno, deverá permanecer estável e em torno dos 10% do total produzido anualmente, em razão, sobretudo, dos preços que se equiparam hoje aos do mercado externo, o que acaba restringindo a demanda à parcela de maior poder aquisitivo da população.

Quanto à possibilidade de ampliação das exportações, a única alternativa está na conquista de novos mercados. Aliás, tratando-se dos mercados tradicionais, vale observar que o consumo deste produto é muito sensível às variações de renda destes países. Tal fato explica o baixo consumo do produto no biênio 1973/74, quando da chamada primeira crise energética mundial. Esta característica do mercado de sucos cítricos não deixa antever grandes possibilidades de ampliação da demanda nos mercados tradicionais.

Como alternativa para os produtores e para o escoamento futuro da produção (considerando, é claro, a manutenção do atual ritmo de crescimento da cultura de laranjas), pode-se considerar a exportação de laranja "in natura", produto do qual o Brasil foi um dos quatro maiores exportadores no final da década de

50, perdendo esta posição para países como Israel e Marrocos, que se encontram mais próximos dos grandes centros consumidores. A perda desta posição se deveu, também, à implantação das grandes indústrias de fabricação de suco cítrico, o que redirecionou a produção brasileira. Atualmente, o Brasil detém apenas 0,7% do comércio internacional do produto. Entretanto, esta alternativa não seria viável sem profundas modificações no setor. Isto porque a produção brasileira não está sujeita a um controle de qualidade eficiente e o setor tem sérios problemas de estocagem, o que reduz as chances de concorrência no mercado internacional.

Por outro lado, não se pode deixar de levar em consideração a força do setor industrial de moagem de laranja. Apenas três empresas multinacionais detém 44,5% da produção nacional de suco cítrico e há possibilidade de que, em 1980 esta participação seja ampliada para 52,5% do mercado. Esta situação compromete o produtor brasileiro, cujos preços acabam sendo determinados pelo oligopsônio existente no setor.

TRIGO

Área plantada aumenta em 58%

A triticultura brasileira registrou grande expansão, em 1979, em função, basicamente, do segundo fracasso consecutivo com a soja e dos bons rendimentos obtidos na última safra, no Rio Grande do Sul. Assim, de acordo com o último levantamento realizado pelo DETRIG – Banco do Brasil, a área plantada com o cereal atingiu 4.104 mil ha contra 2.600 mil em 1978 o que representa um acréscimo de 58%.

A produção final, entretanto, ainda se constitui em uma incógnita, já que o Rio Grande do Sul, maior estado produtor, inicia sua colheita em outubro. Mesmo assim, é possível realizar algumas previsões. A euforia inicial desapareceu diante das adversidades climáticas. Somente as geadas que se abateram sobre o Paraná em julho reduziram a estimativa de produção do estado para 1,6 milhões de t ou 1.000 kg/ha. Apesar destes contratempos, estima-se uma produção recorde de 4 milhões de t.
constitui em um recorde.

Vale destacar ainda que as chuvas intermitentes de setembro encontraram os trigais do norte do Paraná e de S. Paulo em estágio avançado de maturação, quando a umidade, aliada ao calor, faz as sementes germinarem, impedindo a utilização do cereal para fabrico de farinha. No Rio Grande do Sul, geadas tardias, na segunda quinzena de setembro, certamente provocarão alguma redução no resultado final.

Os técnicos, contudo, acreditam que os prejuízos não serão substanciais, reduzindo apenas as produtividades daqueles dois estados a patamares relativamente mais baixos, mas ao redor ainda de 1.000 kg/ha.

Em termos de rendimento, Mato Grosso do Sul, com a colheita praticamente encerrada, é uma grande decepção. As geadas que se abateram sobre o Paraná alcançaram também, a região tritícola daquele estado. Nos 117,5 mil ha obteve-se apenas 75.000 t ou 630 kg/ha, rendimento bastante baixo considerando-se que, em 1978, a produtividade da região foi de 1.000 kg/ha. Aliás, tal rendimento havia estimulado o plantio, a ponto da área plantada com trigo ter sido mais do que três vezes superior à do ano anterior.

O trigo já colhido no Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, e adquirido pelo Banco do Brasil, (cerca de 1 milhão de t) tem apresentado bom aspecto, embora o restante a ser colhido, nesses três estados, possa ter o seu peso hectolítrico di-